

# Lendo a literatura



O poema a seguir é da autoria de um dos mais importantes escritores do século XIV, Francesco Petrarca. Leia-o.

2 Outros poemas de Petrarca e orientações para o trabalho com eles.

Não tenho paz nem posso fazer guerra;  
Temo e espero e do **ardor** ao gelo passo  
E voo para o céu e desço à terra;  
E nada aperto e todo o mundo abraço.

Prisão que nem se fecha ou se **descerra**,  
Nem me **retém** nem solta o duro laço,  
Entre livre e submissa esta alma erra,  
Nem é morto nem é vivo o corpo **lasso**.

Vejo sem olhos, grito sem ter voz;  
E sonho **perecer** e ajuda imploro;  
A mim odeio e a **outrem** amo após.

Sustento-me de dor e rindo choro;  
A morte como a vida enfim **deploro**  
E neste estado estou, Dama, por Vós.

PETRARCA. *Poemas de amor de Petrarca*. Apresentação de Alexei Bueno. Tradução de Jamil Almansur Haddad. Rio de Janeiro: Ediouro, 1998. p. 65.



Mariana Coan, 2015. Colagem digital.

**ardor:** calor intenso.  
**descerra:** abre.  
**retém:** prende.  
**lasso:** cansado.

**perecer:** morrer.  
**outrem:** outra pessoa.  
**deploro:** lamento.



## Acontecia

3

Explicações sobre os burgos e sobre a retomada do comércio entre Ocidente e Oriente.

### Humanismo

A partir do século XIV, as manifestações artísticas e literárias típicas do Trovadorismo e da Idade Média foram perdendo força. A vida em torno dos feudos deixou de ser a principal forma de organização social. O ressurgimento do comércio, fruto da retomada intensa das relações comerciais entre o Ocidente europeu e o Oriente, atraía muitas pessoas, basicamente aquelas que participaram das guerras religiosas e não se identificavam mais com a vida no campo. Essas pessoas passaram a habitar os burgos (as cidades), espaço que se tornava o centro de circulação econômica.

Com o comércio em alta, surgiu uma nova classe social, a burguesia: pessoas que enriqueciam com a comercialização de produtos e que se diferenciavam dos senhores feudais e dos servos em seu modo de compreender o mundo. Enquanto no feudalismo as relações eram centradas na vassalagem e em valores cristãos bastante determinados, a burguesia cultivava outros valores: era uma classe social mais dinâmica, voltada às trocas comerciais, à racionalização da existência e à valorização das potencialidades e conquistas do ser humano (antropocentrismo).

Diferentemente dos feudos, os burgos não eram autossuficientes, muito pelo contrário: dependiam da produção de itens de subsistência produzidos no campo, fato que gerou uma modificação na forma de organização social relativamente estável da Idade Média.

Além da burguesia, as cidades também abrigavam antigos senhores feudais, os quais formavam uma classe cujos hábitos se diferenciavam progressivamente da antiga vida dedicada à defesa de seus territórios e ao domínio dos meios de produção agrícola. Os comportamentos cortesões que, de algum modo, se revelavam nas cantigas amorosas, influenciaram o modo de vida das classes mais abastadas. A realidade palaciana transformou-se em uma espécie de padrão que foi incorporado à literatura.

Se ao longo da Idade Média a produção artística refletia uma concepção de mundo centrada no pensamento religioso e em estruturas sociais voltadas à vida nos feudos, no período imediatamente posterior é o ser humano que passa a ocupar um lugar de destaque na sociedade e na própria literatura. Esse período da literatura é denominado **Humanismo**. [4](#) Explicação sobre o uso dos termos Humanismo, Classicismo e Renascimento.

Na Idade Média, predominava uma visão **teocêntrica** de mundo (baseada na ideia de que Deus é o centro de tudo, isto é, todo o universo e todas as ações humanas têm Deus como referência). No Humanismo, essa visão se transformou gradualmente em uma perspectiva **antropocêntrica** (em que o ser humano, seus sentimentos e ações são o centro das preocupações). [5](#) Sugestão de trabalho com filme.

O poder da Igreja Católica, quase que absoluto ao longo da Idade Média, sofreu um enfraquecimento. O homem, que, segundo a concepção medieval da existência, agia conforme a vontade de Deus, no Humanismo passou a ser o senhor de suas próprias ações, adquirindo uma maior autonomia sobre elas.

No que diz respeito à cultura, o Humanismo propôs um resgate da tradição da arte, da filosofia e da literatura da Antiguidade Clássica. Os registros da **cultura greco-romana**, que durante a Idade Média estavam em grande parte depositados nas bibliotecas dos mosteiros, aos poucos passaram a ser de interesse de um número maior de intelectuais, filósofos, poetas, escritores, etc.

Um dos textos literários mais conhecidos do período de transição entre a visão de mundo teocêntrica e a antropocêntrica é *A divina comédia*, do escritor italiano **Dante Alighieri**. Essa obra, na forma de um poema épico, narra a trajetória de um poeta que, aos 35 anos, se vê perdido em meio a uma selva escura. O poeta latino Virgílio se aproxima do outro poeta e o guia em uma jornada espiritual que se inicia no Inferno, passa pelo Purgatório e chega ao Paraíso, onde encontra sua amada Beatriz, que morrera muito jovem. Nessa viagem, o poeta encontra inúmeros personagens bíblicos e personalidades contemporâneas dele. O Inferno de Dante, presente em diversas referências literárias e cinematográficas posteriores, é composto por nove círculos em que cada pecador recebe um castigo de acordo com o principal pecado cometido em vida. O Purgatório é retratado como um espaço intermediário, em que há círculos ascendentes reservados aos que se arrependeram de seus pecados em vida e estão em processo de expiação, purificação de suas almas. No final da viagem ao Purgatório, Dante se despede de Virgílio, pois este não pode ter acesso ao Paraíso já que não era cristão, pois nasceu antes de Cristo e não foi batizado. No Paraíso, Dante encontra Beatriz, sua amada quando estava na Terra. Esta o leva para conhecer os céus móveis até chegar àquele em que o poeta tem uma visão de Deus.



Com outros escritores que viveram entre a segunda metade do século XIII e o século XIV, **Dante Alighieri** participou de um movimento chamado *Dolce Stil Nuovo* (Doce Estilo Novo), que se contrapunha à poesia medieval. Esses escritores defendiam uma poesia em que o amor não seguisse o modelo da vassalagem, mas, sim, o da gentileza; que esse amor fosse uma prerrogativa somente dos corações puros; que a figura da amada desencadeasse no coração do amado sentimentos elevados de bondade e perfeição moral; e que, do ponto de vista formal, o poema fosse refinado e sem excessos.

Leia o trecho em que o eu lírico encontra sua amada.

### Canto XXVII

[...]

E este Céu outro lugar não tem  
que na Mente Divina, onde se acende  
o Amor que o **volve**, e a nós chove também.

Luz e Amor, em seu círculo, o compreende,  
assim como este os outros, e esse cinto  
Aquele só que o **cinge** é Quem o entende.

ALIGHIERI, Dante. *A divina comédia: paraíso*. Tradução e notas de Italo Eugenio Mauro. São Paulo: 34. 1998. p. 191.



Ilustração de Gustave Doré, de 1857, para uma cena do Paraíso da Divina Comédia

Nesse trecho, Beatriz descreve um dos céus ao poeta e os dois contemplam esse céu que está, segundo ela, na mente de Deus. Ao longo de toda a obra *A divina comédia*, misturam-se referências culturais ao **catolicismo cristão** (marca fundamental da Idade Média) e à **mitologia grega** (presente na cultura da Antiguidade Clássica). Essa mistura de traços da **cultura medieval** com a herança da **cultura clássica** distingue a literatura humanista daquela que a antecedeu (o Trovadorismo).

## Olhar literário

### Manifestações literárias no Humanismo português

No campo da produção literária portuguesa, o Humanismo trouxe novidades, tanto na poesia quanto na prosa. A poesia popular (as cantigas) começou a ser recitada nos salões dos castelos. O registro dos eventos históricos passou a ter uma importância que não tinha ao longo da Idade Média. O teatro das feiras e dos eventos a céu aberto se tornou uma das diversões mais importantes das cortes.

A seguir, uma breve caracterização dessas manifestações literárias e o contexto em que elas se desenvolveram.

#### Poesia palaciana

No Humanismo, em torno de 1400, muitos poemas passaram a desenvolver características próprias, sem um contato direto com as cantigas trovadorescas. Essa nova poesia tornou-se conhecida como **poesia palaciana**. Diversamente das cantigas medievais, o público-alvo da poesia palaciana era a própria nobreza (e não mais o povo), seus costumes e seus valores. Era recitada nos serões (saraus).

Se a poesia trovadoresca estava associada à música e era feita para ser cantada e/ou bailada, a poesia palaciana era escrita para ser lida para o público das cortes. A linguagem da poesia palaciana também apresenta diferenças se comparada àquela utilizada nas cantigas: mais sofisticada, com um vocabulário menos espontâneo e um conteúdo mais artificial.

**volve:** envolve.

**cinge:** envolve, enlaça.

## Crônica historiográfica

Durante o Humanismo, as **crônicas historiográficas** eram um gênero de texto importante, bastante diferente do gênero crônica que conhecemos hoje. Elas não tinham uma relação com a vida cotidiana, mas buscavam retratar personalidades de tempos passados, seus feitos, suas posses e sua descendência.

A perspectiva humanista rompe com a visão de se considerar somente os nobres como os "autores" da história. No caso da crônica portuguesa, o rompimento da mentalidade humanista com a **crônica medieval** se deu com os escritos de **Fernão Lopes**, que ocupou o cargo de guarda-mor da Torre do Tombo, onde se localizavam os documentos do Arquivo Geral do Reino. Considerado o **pai da moderna historiografia portuguesa**, Lopes foi o primeiro a trazer para o interior dos relatos dos eventos a figura do povo. Além disso, baseava seus textos na pesquisa de documentos de época ao compor suas crônicas, hábito pouco utilizado até então, pois, ao longo da Idade Média, os textos eram escritos misturando acontecimentos, lendas, relatos orais de pessoas que vivenciaram o período sobre o qual se retratava, etc.

Enquanto na Idade Média a **crônica medieval** tinha características específicas, como a mistura de fatos acontecidos com lendas, da vida de santos com situações corriqueiras ou ainda a narrativa centrada na figura de animais fantasiosos, no Humanismo surge uma nova perspectiva centrada na narração de eventos factuais e, no caso de Fernão Lopes, de agentes históricos.

### Teatro

6 Indicação de leitura.

Durante a Idade Média, por influência da igreja, a maior parte das representações teatrais era a dramatização de passagens bíblicas. A intenção dessas encenações era a de transmitir para a população leiga os exemplos dados pela vida de personagens santos. Muitos desses dramas litúrgicos eram representados depois das missas ou em situações de comemoração nas quais a comunidade, em sua grande maioria, se encontrava presente (festejos de Natal, Páscoa e outras festividades do calendário religioso). Padres e monges se encarregavam da encenação e o espaço interno das igrejas funcionava como teatro.



## Atividades

7 Orientações para leitura do poema.

1. Leia o poema e responda às perguntas propostas.

### Cantiga sua partindo-se

Senhora, partem tão tristes  
meus olhos por vós, meu bem,  
que nunca tão tristes vistes  
outros nenhuns por ninguém.

Tão tristes, tão saudosos,  
tão doentes da partida,  
tão cansados, tão chorosos,  
da morte mais desejosos  
cem mil vezes que da vida.  
Partem tão tristes os tristes,  
tão fora de sperar bem,  
que nunca tão tristes vistes  
outros nenhuns por ninguém.



BRANCO, João Ruiz de Castelo. In: MOISÉS, Massaud. *A literatura portuguesa através dos textos*. 15. ed. São Paulo: Cultrix, 1985. p. 57.

### Teatro vicentino

Ao longo da Idade Média, as produções dramáticas em Portugal se resumiam basicamente a algumas manifestações do teatro popular (realizadas, na maioria das vezes, em ambientes públicos por pequenas trupes de artistas que misturavam encenações curtas entremeadas com música e recitações) e peças religiosas ao redor das igrejas. O teatro, entendido como uma produção envolvendo a escrita das peças e a representação para o público, teve início, em Portugal, com o dramaturgo Gil Vicente. Essas representações eram feitas para os membros da nobreza e tinham uma relação direta com a cultura e com a sociedade.

Algumas características são marcantes no teatro vicentino, a começar pela própria composição do texto teatral, escrito na forma de versos como as peças da Antiguidade Clássica, ainda que utilizando uma **métrica típica da poesia popular** (versos com sete sílabas métricas, conhecidos como redondilhas maiores).

Os personagens também são um aspecto que merece atenção: representavam grupos sociais bem definidos, facilmente reconhecidos pelo público. Esses personagens são denominados **personagens-tipo** e eram uma estratégia usada pelo autor para criticar a sociedade de seu tempo.

A linguagem, nas obras de Gil Vicente, revela também sua perspectiva crítica em relação à sociedade em que vivia. Os diálogos entre personagens eram atravessados por ironias em grande parte entendidas pelo público. A forma de expressão verbal em suas peças resgatava uma linguagem popular, utilizada para caracterizar o comportamento e os valores dos personagens.

Quanto à temática, trabalhou com peças de cunho religioso, críticas a grupos sociais e seus interesses escusos, e peças de costumes. Muitas vezes, sua abordagem tinha um viés cômico e sem exageros poéticos. Uma marca importante do teatro vicentino é a **moralização**. Suas críticas dirigem-se àqueles que fazem mau uso da fé e da ética, nunca às instituições. No *Auto da barca do inferno*, por exemplo, o corregedor e o frade são criticados, já que agem contrariamente ao que pregam a ética e a religião.

Durante a Idade Média a crença preponderante era a de que ter fé já era suficiente para a salvação da alma; já de acordo com a visão humanista, para se alcançar a salvação era preciso viver e agir em conformidade com o que apregoava a religião cristã. [8](#) **Orientações sobre o conceito de livre-arbitrio.**

Gil Vicente soube conciliar algumas **inovações** da linguagem teatral (o que fez com que não repetisse as maneiras de fazer teatro comuns em seu tempo), um respeito à **tradição** (inclusive preservando alguns valores que podem ser relacionados à sociedade feudal) e uma **visão moralista** da vida social (cujas regras rompidas denunciavam a decadência da sociedade).

## Gêneros teatrais em Gil Vicente

O teatro de Gil Vicente pode ser classificado em dois tipos: os **autos** e as **farsas**.

**Autos:** Em sua origem, os autos diziam respeito a encenações de passagens bíblicas cujo conteúdo fosse moralizante. No Período Medieval, os autos se tornaram sinônimo de qualquer peça teatral. Um auto poderia dizer respeito a uma farsa, uma tragicomédia, um mistério, etc. Quanto ao tema, poderiam tratar de assuntos religiosos ou profanos. Eram representados, inicialmente, no interior das igrejas, passando depois para sua porta de entrada e para seu pátio.

Os principais autos vicentinos são: *Monólogo do vaqueiro*; *Auto da alma*; *Auto da barca do inferno*; *Auto da Índia* e *Auto da Mofina Mendes*.

**Farsas:** Assim como acontece com o auto, a farsa não foi, em sua origem, um gênero simples de ser conceituado. Propunha-se a ser uma espécie de retrato vivo da sociedade. Seus personagens eram muitas vezes reconhecidos rapidamente pelo público e suas cenas apresentavam situações cômicas cotidianas.

No caso das farsas escritas por Gil Vicente, destacam-se: *O velho da horta*, *Quem tem farelos?* e *Farsa de Inês Pereira*.



### O que diz a crítica literária

O professor Segismundo Spina afirma que *Farsa de Inês Pereira* apresenta o viés crítico de Gil Vicente em relação aos costumes da sociedade portuguesa da época.

Gil Vicente apresenta-nos, nesta farsa, uma donzela casadoura, a lamentar-se das canseiras do trabalho doméstico e ansiosa por livrar-se da clausura, imaginando um casamento com um homem que seja discreto, galante, bailarino e músico. Procurada por um labrego, de quem faz troça no primeiro encontro para acertar o casamento, Inês acaba aceitando a proposta de dois judeus casamenteiros, que julgavam haver encontrado o tipo de homem pretendido: um escudeiro, com todas aquelas qualidades que Inês imaginava. Inicia-se, então, uma segunda fase na vida de Inês: realizado o casamento, sobrevém *incontinenti* surpresa: o escudeiro parte para terras d'alem a fim de fazer-se cavaleiro, e deixa a esposa em casa sob a severa vigilância de um pajem. Recebendo notícias do marido, morto em circunstâncias covardes pelos mouros, Inês liberta-se desta condição e, com a experiência adquirida, parte para uma nova etapa: volta-se para o primeiro pretendente, Pero Marques, com cujo casamento a felicidade é tamanha, a ponto do marido vir um dia a carregá-la às costas na travessia de um rio a fim de a mulher visitar um ermitão seu antigo namorado.

VICENTE, Gil. *O velho da horta; Auto da barca do inferno; Farsa de Inês Pereira*. Apresentação de Segismundo Spina. 33. ed. Cotia: Ateliê Editorial, 2000. p. 167-168.

Sugestão de atividade: questão 11 da seção **Hora de estudo**.



### Atividades

9 Gabaritos

1. No texto *Auto da barca do inferno*, de Gil Vicente, o cenário apresenta duas barcas: uma seguirá para o inferno e a outra para o céu. Após a morte, cada um dos personagens (um fidalgo, um onzeneiro, um sapateiro, um frade, uma alcoviteira e um corregedor) busca entrar na barca do céu, acreditando que cumpriram com suas obrigações e merecem o paraíso. No entanto, todos eles serão condenados à barca infernal. Os únicos a embarcar para o céu são os cavaleiros de Cristo, que morreram lutando nas Cruzadas. Há também uma exceção: o Parvo, um louco, permanece com final indefinido pois, apesar de ter pecado, não teria consciência de seus erros. Leia o trecho em que o Sapateiro tenta ingressar na barca do céu.